



Vigília Penitencial presidida pelo Papa Francisco
1 de outubro de 2024 - Basílica de São Pedro, 18:00 CET

TESTEMUNHOS

*** GUERRA

Ir. Deema, originária de Homs, cidade síria profundamente marcada pelas feridas da guerra. Irmã da comunidade monástica de al-Khalil (o amigo de Deus), fundada em 1991 no mosteiro siro-católico de S. Moisés, o Abissínio, por P. Paolo Dall'Oglio S.J. juntamente com Jacques Mourad.

Chamo-me Deema e sou originária de Homs, uma cidade síria profundamente marcada pelas feridas da guerra. Sou uma irmã da comunidade monástica de al-Khalil (o amigo de Deus), fundada em 1991 no mosteiro sírio-católico de S. Moisés, o Abissínio, pelo P. Paolo Dall'Oglio S.J. juntamente com Jacques Mourad.

Estou aqui hoje para partilhar um testemunho que as palavras têm dificuldade em exprimir. É uma experiência de dor profunda que muitas vezes nos leva a fecharmo-nos no nosso próprio tormento, incapazes de nos ligarmos à dor dos outros. De facto, a guerra não destrói apenas edifícios e estradas, mas também corrói os laços mais íntimos que nos ligam às nossas memórias, às nossas raízes e às nossas relações.

Durante a guerra da Síria, as partes beligerantes tentaram sistematicamente isolar zonas, distanciando-as das experiências vividas nos bairros vizinhos. Isto facilitou progressivamente a eliminação de todas as formas de empatia, rotulando o outro como inimigo e indo ao ponto de desumanizar e justificar a sua morte em casos extremos. Um amigo meu cristão disse-me uma vez: "Sabe, não tenho medo da morte em si, mas tenho medo de ser morto por um amigo meu muçulmano.

Lembro-me vividamente dos olhos marejados dos jovens de diferentes áreas quando aprendiam sobre a experiência do outro; nesses momentos, as barreiras do preconceito caíam e o véu da desumanização do outro desaparecia.

Muitos jovens, por diversas razões, escolheram o caminho da violência, e não são apenas os muçulmanos. Também muitos jovens, e não só cristãos, dedicaram o seu tempo a visitar e a ajudar famílias carenciadas ou a dar um sorriso às crianças. Neste nosso mundo, infelizmente ferido por tanta violência, a urgência é trabalhar sobre as relações. Este trabalho exige um esforço extraordinário. De facto, a guerra pode muitas vezes trazer ao de cima o que há de pior em nós, fazendo emergir o egoísmo, a violência e a ganância. Mas pode também fazer emergir o melhor de nós: a capacidade de resistir, de nos unirmos em solidariedade, de não cedermos ao ódio.

Perante o horror da guerra, é fácil deixar-se dominar pela impotência, correndo o risco de cair no desespero, na raiva, desejando denunciar em voz alta qualquer tipo de injustiça. No entanto, este mesmo sentimento de impotência pode transformar-se num compromisso, e esta raiva pode tornar-se uma luz. É um compromisso de resistência não violenta que, com grande esforço, renuncia a todos os actos e pensamentos violentos. Esta atitude não violenta torna-se uma denúncia silenciosa mas poderosa contra aqueles que lucram com a guerra, vendendo armas, conquistando terras ou aumentando o seu poder. Pode parecer utópico, mas não é. Vivemo-lo, enquanto comunidade,



tentando acender pequenas luzes na escuridão da guerra. Tentámos criar possibilidades para os jovens se encontrarem e terem oportunidades, esforçando-nos por criar espaços de diálogo e crescimento que são fundamentais para reconstruir relações e esperança no futuro.

Tudo isto não teria sido possível sem a solidariedade de muitos, não só material mas sobretudo moral e espiritual. A guerra foi, neste sentido, também uma oportunidade para perceber a graça de fazer parte de uma Igreja universal, que hoje celebramos no seu caminho para a sinodalidade, onde a dor de um membro é socorrida com amor e gratuidade.

Isto permitiu-nos recolher entre os escombros do sofrimento humano os tesouros mais preciosos: a solidariedade e a fraternidade, que continuam a brilhar como sinais de esperança e de paz.

Mesmo nos momentos mais sombrios, onde os gritos podem elevar-se a Deus perguntando porquê ou as dúvidas sobre a sua presença encham a mente, é aí que se pode encontrar Deus. Como uma das nossas amigas escreveu no título do seu livro sobre a sua experiência nos países devastados pela guerra no Médio Oriente: Deus no meio das ruínas.

***ABUSO

*O barítono sul-africano **Laurence** completou inicialmente a sua formação vocal na Universidade da Cidade do Cabo, na África do Sul. Laurence iniciou a sua carreira operática e de concertista na Alemanha depois de completar os seus estudos na Hochschule für Musik em Munique com, entre outras, aulas de interpretação de canções com Hans Hotter, Dietrich Fischer Dieskau e Brigitte Fassbender. Seguiram-se três residências na Ópera Estatal de Kassel, Braunschweig e no Teatro Gärtnerplatz em Munique. Cantou em numerosos teatros europeus, como a Ópera Real de Estocolmo, o Teatro Nacional de Praga, a Ópera de Istambul, bem como os teatros estatais de Hanôver, Mannheim, o Teatro Prinzregententheater de Munique e o Teatro Cuvillies de Munique. Laurence canta todo o repertório de barítono como artista independente, especializando-se em papéis dramáticos de Verdi e Wagner. Laurence é também um intérprete entusiasta de art songs e actuou em muitos locais em todo o mundo com acompanhadores como Gabriel Dobner e Alfons Kontarsky.*

Boa noite a todos,

Apresento-me hoje perante vós como um sobrevivente de abuso sexual por parte de um membro do clero católico.

Uma história pessoal:

Longe de Roma, numa pequena cidade do Sul de África, um predador pôs-me na sua mira, uma criança de 11 anos. Durante vários meses, usou elogios, castigos físicos, manipulação psicológica e todas as outras ferramentas do seu arsenal para me manipular e aliciar. Finalmente, numa bela manhã sul-africana, conduziu-me pela mão a um lugar escuro onde, no silêncio gritante, me tirou o que nunca deveria ser tirado a nenhuma criança. Desde então, tenho sido forçada a caminhar com este criminoso gravado na minha alma durante os últimos cinquenta e três anos. Este momento no tempo, em todos os seus detalhes sórdidos, faz parte do meu ser físico e da minha consciência, e está tão presente hoje como estava quando aconteceu, a chocante violação de uma criança de onze anos por um homem adulto. A minha história é uma de muitas, e é partilhando estas experiências e enfrentando-as sem medo, que lançamos luz sobre esta perversa escuridão em particular.



O custo psicológico:

O impacto de tais abusos é profundo e duradouro. Para as vítimas, o impacto psicológico inclui muitas vezes sentimentos de traição, vergonha, ansiedade, depressão e até mesmo perturbação de stress pós-traumático, por exemplo, a contemplação do suicídio. Estes efeitos não se limitam apenas às vítimas; repercutem-se no exterior, afetando famílias, amigos e comunidades. O abuso de uma criança por uma figura de confiança - um padre, um mentor, um representante de Deus - inflige feridas que podem levar uma vida inteira a sarar, se é que alguma vez o conseguirão.

Rostos anónimos:

Um dos aspetos mais dolorosos desta questão é o anonimato que frequentemente a rodeia. Muitos sobreviventes permanecem sem nome e sem serem ouvidos, as suas histórias silenciadas pelo medo, estigma ou ameaças. Os rostos das vítimas de abusos são muitas vezes desfocados, escondidos atrás de um véu de secretismo que a Igreja, historicamente, tem sido cúmplice em manter. Este anonimato serve para proteger os perpetradores e não as vítimas, tornando mais difícil para os sobreviventes encontrarem justiça e para as comunidades sararem.

Falta de transparência:

Um fator-chave que tem perpetuado esta crise é a falta de transparência no seio da Igreja. Durante décadas, as acusações foram ignoradas, encobertas ou tratadas internamente em vez de serem comunicadas às autoridades. Esta falta de responsabilização não só permitiu que os abusadores continuassem o seu comportamento, como também corroeu a confiança que muitos depositavam na instituição. A relutância em abordar abertamente estes crimes tem sido um mau serviço às vítimas e uma traição às responsabilidades éticas e espirituais da Igreja.

Efeito na sociedade:

As consequências destes abusos estendem-se muito para além dos muros da Igreja. Abalaram a fé de milhões de pessoas, mancharam a reputação de uma instituição que muitos procuram para se orientar e causaram uma crise de confiança que se repercute na sociedade. Quando uma instituição tão proeminente como a Igreja Católica não consegue proteger os seus membros mais vulneráveis, envia uma mensagem de que a justiça e a responsabilidade são negociáveis - quando, na realidade, deveriam ser fundamentais.

***** MIGRANTES**

Sara, Diretora Regional Toscana da Fundação Migrantes e, juntamente com Solange (originária da Costa do Marfim), provenientes da Diocese de Massa e Carrara Pontremoli

Chamo-me Sara, sou a Diretora Regional Toscana da Fundação Migrantes e, juntamente com a Solange, somos da Diocese de Massa e Carrara Pontremoli.

Há mais de um ano e meio que o porto de Carrara, no alto Mar Tirreno, a 700 milhas de Lampedusa, foi declarado "Porto seguro" para o desembarque de embarcações das ONG que resgatam migrantes em embarcações improvisadas no mar Mediterrâneo: o mar Mediterrâneo é considerado a rota migratória mais perigosa do mundo, porque em média seis pessoas perdem a vida todos os dias.

No nosso porto, nas nossas costas, chegam os que sobreviveram, os que conseguiram: pessoas que atravessaram o deserto, que passaram fome e sede, que sofreram violências de todo o género, das quais trazem marcas evidentes no corpo e na pele, e marcas pouco visíveis na alma e no espírito, mas muitas vezes estas últimas são as mais dolorosas para a sua dignidade e as mais difíceis de curar.



São "os sobreviventes", os migrantes que, por uma reviravolta do destino, estavam no barco certo que não se afundou, na altura certa porque não estava demasiado tempestuoso, e no troço de mar certo porque só depois de alguns dias no mar é que foram avistados e resgatados. Tudo parece um jogo brutal do destino, do qual somos "espectadores" porque só nos resta esperar em terra pelos que sobreviveram: regozijamo-nos pelos que chegaram vivos até nós; mas com um sentimento de culpa pelos que não conseguiram. Um sentimento de culpa ainda mais enraizado naqueles que sobreviveram, porque foram bem sucedidos onde muitos companheiros de viagem, da viagem pela vida, falharam: morreram muitas vezes no silêncio e no anonimato, porque nunca ninguém saberá onde e quando.

O momento do desembarque do barco que os resgatou é, sempre, um momento emotivo para todos nós. São os olhos que falam, olhos negros que reflectem tudo o que viram e viveram, porque se vê ali a memória dolorosa dos que não conseguiram e o medo daqueles momentos intermináveis em que o que prevaleceu sobre a solidariedade, ausente nas "barcaças da esperança", foi o instinto de sobrevivência que retirou a humanidade de um gesto, de uma carícia.

A experiência da barcaça não é a de quem vive um percurso de vida em comunhão com outras pessoas: não é a solidariedade de um povo único, é o acaso de se encontrarem juntos, uns em cima dos outros, unidos pelo mesmo destino, vivendo na solidão para a sua própria sobrevivência. Tal como nos campos de extermínio, onde homens e mulheres perderam a sua identidade como indivíduos, como comunidade, como povo e deixaram de ser pessoas, mas números, corpos que tentam sobreviver, muitas vezes à custa dos outros.

No porto, desembarcam em pequenos grupos. Primeiro os doentes; depois as mulheres com crianças; a seguir os menores não acompanhados e finalmente os homens. Uma descida que testemunha também a solidão das famílias que nunca desembarcam juntas e que nós ajudamos a reconstituir assim que desembarcam, muitas vezes com enormes problemas.

Por vezes, um irmão, um filho, um sobrinho, que já viveram essa experiência, chegam a Carrara, na zona exterior ao porto, vindos sobretudo do Norte da Europa, seguiram a viagem dos seus entes queridos em mapas náuticos digitais, sem saber se o barco que os leva para um lugar seguro os tem a bordo. Procuram-nos através das barreiras, vivendo o terror da esperança que, assim que os conseguem reconhecer e encontrar, se transforma num rio de lágrimas, de abraços.

Desde o momento do desembarque até ao momento da partida para os diferentes destinos, passam cerca de dez ou mais horas para o procedimento sanitário, a identificação, a identificação com fotografia. Horas muito preciosas para nós, voluntários: os seus olhos perscrutam-nos, enquanto tentamos acalmá-los, reuni-los com familiares e amigos que estavam com eles no barco, mesmo no destino final; querem perceber o que vai acontecer a seguir, querem falar e contar-te a sua história de um só fôlego.

São as mulheres mais silenciosas e invisíveis que começam a contar a sua história; a escolha de sair de casa, que não era segura, onde era segregada por um pai, um marido abusivo, o pai dos seus filhos... e um dia um conhecido, movido pela compaixão, ajuda-a a escapar, a embarcar numa viagem com o único objetivo de a afastar da violência de uma vida de abusos. No final, a única opção que tem é fugir: deixa os seus filhos porque teme que eles não consigam sobreviver a uma viagem tão difícil em que não os poderá proteger, e com eles deixa uma parte de si.

Estás cada vez mais só, mesmo que fisicamente com outros, viajas por países, desertos e encontras violência que te tira as únicas coisas que te restam: o seu corpo e a sua dignidade.



Quando chegas à Líbia ou à Tunísia, falta-te a último trajeto para a Europa e, muitas vezes, gostarias de regressar: mas já não podes. E tens medo. Medo do mar, dessa extensão de água que, de uma miragem de esperança de vida, se transforma num muro intransponível de ondas de água. Não tens escolha: se queres ter uma hipótese de sobreviver e de continuar a dar esperança aos teus filhos, embarcas. Empurrada para barcaças, pequenas cascas de nozes incertas num mar gigante de água, enfrentas a escuridão; e estás sozinha entre tantos ... muitos que gritam, que choram quando as ondas crescem, quando o abastecimento de água e de alimentos se esgota, quando o motor pára, quando o barco se enche de água, água salgada que se mistura com o combustível que resta e com o óleo a ferver que queima as pernas, sobretudo a ti que, por seres mulher, foste colocada mais perto do compartimento do motor ... e pensas que não vais conseguir e estás a arfar e a gritar e a procurar com as mãos a ajuda que os que estão contigo não te podem dar porque estão na mesma situação que tu estás... um migrante fantasma no meio do mar ... até que alguém te socorre e finalmente desembarcas. Uma mão agarra-te: sobreviveste!

Os teus olhos, as tuas mãos contam a sensação de vazio; mas também o medo de que o teu corpo, para além das marcas, tenha o fruto, no teu ventre, de todas as violências que sofreu.

Quando pedi a Solange, que desembarcou em Carrara há cinco meses, que me acompanhasse para testemunhar comigo o que está a acontecer, com os olhos cheios de alegria e de gratidão pela proposta, disse-me: “Vou para levar comigo toda a minha África”.

Estamos aqui hoje para dar testemunho de uma nova humanidade; de pessoas que acompanham as pessoas para serem pessoas; de mulheres que ajudam as mulheres a serem mulheres: pessoas e mulheres que acolheram o estrangeiro e a estrangeira que chegou ao seu porto e que estava em ti.

Obrigada por nos terem ouvido e obrigada à minha família, ao meu marido e aos nossos três filhos, que partilham o meu empenho.